

Estou pedindo às mãos que eventualmente terão de segurar o leme que começem a sentir a responsabilidade e o peso de ter o leme de um país

Se estiverem de acordo, digam. Se não, digam também. Se quiserem recusar o acordo com o FMI, tudo bem, mas assumam suas responsabilidades

Eu tentei. Me esforcei. Não consegui passar a idéia de que a reforma previdenciária não era coisa contra velhinhos

FHC fará apelo à 'responsabilidade patriótica'

Presidente diz que é preciso que candidatos se comprometam claramente a respeitar contratos e honrar pagamentos da dívida

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem que vai fazer um apelo à "responsabilidade patriótica" dos candidatos à Presidência, nos encontros que terá com cada um deles, na próxima segunda-feira, no Palácio do Planalto. Em entrevista à jornalista Mirian Leitão, na Globonews, o presidente afirmou que é preciso que eles se comprometam claramente a respeitar contratos e a honrar os pagamentos da dívida pública para afastar a desconfiança dos investidores na solidez da economia brasileira. "É preciso que os candidatos não criem situações que beneficiem os especuladores."

Fernando Henrique negou que a iniciativa de chamar os candidatos tenha objetivo eleitoral e rechaçou as interpretações de que pretenda dividir responsabilidades pela crise econômica. Ele reafirmou o ponto de vista de que a instabilidade dos mercados financeiro e de câmbio, que continua forte, mesmo depois de o Fundo Monetário Internacional (FMI) ter liberado uma ajuda de US\$ 30 bilhões ao Brasil, tem origem na incerteza sobre a política econômica que será seguida pelo próximo governo. "Isso acontece porque o leme vai mudar de mão. Estou pedindo às mãos que eventualmente terão de segurar o leme que começem a sentir a responsabilidade e o peso de ter o leme de um País na mão."

O presidente acha necessário que os candidatos tenham "uma compreensão mais ampla" da situação vivida pelo País e pretende contribuir para isso nas conversas da próxima semana. Disse, também, esperar que eles manifestem com clareza sua opinião a respeito do entendimento com o Fundo. "Se estiverem de acordo, digam. Se não, digam também, e por quê. Se quiserem recusar o acordo com o FMI e fazer diferente, tudo bem, mas assumam suas responsabilidades. Podem, no ano que vem, encon-

trar outros caminhos, mas que sejam responsáveis."

Fernando Henrique reforçou o apelo à racionalidade econômica e disse que, assim como a sociedade não quer a volta da inflação, nenhum candidato pode desejar o fim da estabilidade de preços. Afirmou que algumas propostas contidas em programas de governo podem provocar inflação, devido à limitação do orçamento. "Se seguirmos o caminho que proponho, não há riscos. Com responsabilidade, não há o que temer", destacou, manifestando confiança na capacidade do País superar a crise. Ele observou que, apesar da instabilidade do câmbio e dos juros, a economia real vai razoavelmente bem e o desemprego se mantém em 7%, índice inferior ao verificado em países da Europa.

Reiterando a disposição de governar até o último dia de seu mandato, o presidente afirmou que pretende obter ainda este ano, do Congresso, a aprovação de uma minirreforma tributária, com a eliminação do efeito cumulativo do PIS-Pasep no setor produtivo e nas exportações. "Todos os candidatos defendem isso", justificou. Confira a seguir os principais trechos da entrevista:

ALIANÇAS

"Um candidato que tem apoio de forças contraditórias tem de buscar o equilíbrio. Num País em que o PT se aliou ao PL, vai pedir coerência? Não estou criticando o PT, não. Estou dizendo que o fato de não existirem partidos mais consistentes ideologicamente leva a esta confusão. A eleição se torna muito mais um torneio entre pessoas que uma proposta sustentada por forças políticas. Eu fui deliberadamente fazer aliança com o PFL. Eu precisava do PFL para governar. A eleição é um torneio de pessoas que depois vão se confrontar com o Con-



O presidente: "É preciso que os candidatos não criem situações que beneficiem os especuladores"

so. E aí terão de fazer rapidamente algum entendimento para poderem governar. Eu fiz o contrário, fiz aliança antes. No Brasil, o Congresso é poderoso e os partidos não são, o que torna a eleição quase pessoal. A política, não. A política depende do Congresso."

PREVIDÊNCIA

"(Não ter) levado mais a fundo reformas. Conseguir convencer o País de que era necessário fazer a reforma da Previdência. Tentei. Me esforcei. Não consegui passar a idéia de que reforma previdenciária não era coisa contra os velhinhos. Era para manter a estabilidade do Orçamento, para o Orçamento avançar."

MEDIDAS

"O orçamento esgotou as margens de manobra e o governo não tem mais a medida provisória. Isso leva à possibilidade de uma crise institucional. Porque a MP é um instrumento necessário. Se o Congresso não tem a velocidade necessária para discutir questões complexas, se o Con-

gresso leva tempo, bloqueia pau- ta. Acho arriscado. Concordei (com a mudança nas regras), houve pressão muito grande, dizendo que era uma coisa imperial. Foi um erro institucional. Vai ter de mudar. Vai ter de dar um instrumento com maior agilidade."

CRISE

"Por que o temor todo? E o temor de que exista no futuro o não cumprimento de regras. Lá fora, alguns começam a especular e a tirar vantagem com isso. Há também problema de crise nos Estados Unidos. Chegaram ao absurdo de cortar linha de financiamento de curto prazo. O BC irá agir. Tenho capacidade de controlar essa perturbação. Como um presidente começa assim? É melhor acalmarmos. A aposta não é contra mim, é contra um sucessor que não sabem quem é."

PLANOS

"Primeiro, assegurar mais estabilidade para este momento e para o governo futuro. Segundo, terminar a reforma tributá-

ria. Depois acho que em certas áreas há algumas coisas que ainda podem ser feitas. Vou governar até o final. Eu continuo dormindo com todas as turbulências, porque eu sei que elas passam desde que nós tenhamos o leme na mão. Isso acontece porque o leme vai mudar de mão. Estou pedindo às mãos que eventualmente terão de segurar o leme, que começem a sentir a responsabilidade e o peso de ter o leme de um País na mão. Não se resolve com bravata, com palavras. Mas com trabalho, seriedade e sacrifício, até pessoal – alguns até com a saúde – não foi o meu caso. E com muita fé. E eu tive muita fé no Brasil."

CANDIDATOS

"Na democracia só há um jongo: o da franqueza. O povo entende até os exageros demagógicos da campanha. Quando fui candidato em 1998, em plena crise, eu declarei que precisaria de ajuda do FMI, teria uma política fiscal dura, e fui reeleito por dizer a verdade. Não quero dividir responsabilidade com ninguém. Apenas por causa do jogo político há esta perturba-

ção. (É preciso) dizer o modo que pensam, e que seja crível. Se não for crível, quem paga é o povo. Os juros sobem, o dólar tem efeito sobre a inflação."

JUROS

"O dinheiro disponível é pequeno para obras e investimentos, o Orçamento é muito rígido, as vinculações cresceram. A carga tributária muito elevada permitiu honrar as dívidas e não paralisar a máquina estatal e fazer programas sociais que nunca houve no Brasil: educação, saúde, reforma agrária. Não há ginástica com essa rigidez orçamentária com gastos de pessoal e despesa previdenciária. Não há muita margem de manobra. Isso limita a possibilidade de baixar os juros e leva o governo a se endividar crescentemente, forçosamente."

SERRA

"O que ele quis dizer é que não tinha o apoio da máquina do governo. Por que se diz que é o candidato do governo, qual é a crítica que vem em seguida: que o governo está usando a máquina e não está. Ele quis mostrar, primeiro, que tem personalidade própria. Ele é apoiado por mim. Não entendi assim e lamento essa interpretação (de que o candidato tente se descolar do governo)."

NOTA

"Seria pretensioso se desse uma nota a mim mesmo. Professor é homem equilibrado, não sai correndo dando nota, ele vai comparar. E faz comparações no decorrer do tempo. Juscelino saiu quase escorregado. Getúlio se matou. D. Pedro I abdicou, D. Pedro II foi exilado. Não sou processado, não sou exilado, não estou sendo execrado. Tem gente que vota em mim, tem gente que não vota. Todos sabem que, primeiro, eu trabalho; segundo, que sou sério, e eu faço o que prego. Eu quero sair do governo como cidadão que possa conversar com qualquer pessoa."